

O MENINO E A RUA: VOZES URBANAS

Vozes do meio fio

Autores: Hélio Silva & Cláudia Milito

Ed. Relume-Dumará, RJ

1995 (192 páginas)

Tomemos um personagem que se singulariza e se dissolve em um cotidiano imprevisível, de encontros e relações fragmentárias, diálogos plurais entre personagens heterogêneos, constantes revalorizações das categorias espaço-tempo: eis o menino ou a menina que vive ou passa a maior parte de seu dia-a-dia nas ruas do Rio de Janeiro. Tendo esse personagem como enfoque no espaço urbano em questão, e situando-o através dos mapas de visibilidade da cidade que ele enuncia, os pesquisadores Hélio Silva e Cláudia Milito trazem à tona, em sua etnografia *Vozes do meio fio* (Relume Dumará, 192 páginas), a teia de diálogos e de representações que envolvem tanto os meninos e meninas de rua da cidade, como também a sua população, passando ainda pelos agentes mediadores e fundamentais na lucidação dessa teia, os educadores de rua.

Através das tramas que são desveladas pelos relatos das andanças das crianças e adolescentes, percebe-se a criação de relações contingentes, o estabelecimento de novos limites geográficos e simbólicos que desenham a cidade e, sobretudo, a modificação do próprio significado de infância e adolescência. A etnografia é composta de descrições e reflexões entremeadas, sendo tal entrelaçamento resultado do ritmo flexível e caótico da pesquisa de campo, efetuada pelos autores durante mais de um ano por diversos bairros e ruas cariocas.

O resultado é um mosaico em contínuo movimento, conduzindo o leitor de um lado a outro do Rio de Janeiro, desde os morros de onde surgem os meninos, até as instituições sociais que se preocupam com a questão do menor, trazendo à tona os efeitos dramáticos da chacina da Candelária,

explicitando a repulsa da população carioca em seus confrontos diários com os meninos, e chegando à rua, aos encontros de pesquisadores e educadores com as crianças, aos contínuos fragmentos expostos de suas vidas, contados pelos educadores e endossados pelos meninos, ou vice-versa. Situar os meninos na cidade, desvelando seus limites e suas possibilidades de comunicação com os mais diversos agentes, colocou os autores em uma posição menos de estabelecer nexos lineares que singularizassem e congelassem a imagem do “menor” de rua, e mais de apontar para o constante desmantelamento que tal imagem sofre a cada nova interação. O livro traduz-se, sobretudo, em uma disposição de mapear a “planta-baixa das inscrições sociais” (p.14) onde os meninos estão imersos, uma tessitura social aparentemente dispersa e frágil, mas cujos fluxos estabelecem uma malha social repleta de códigos de interação sub-liminares e tensos entre meninos e meninas, seguranças, polícia, mendigos, traficantes, comerciantes, travestis, transeuntes.

O relato etnográfico, sendo também (aparentemente) caótico, coloca em

questão as formas sistemáticas de transformar os dados de campo em texto. Os autores tomam as pequenas histórias do dia-a-dia colhidas na pesquisa, encontros e depoimentos dos meninos e dos personagens que os circundam, e transformam-nos em focos de análise de questões políticas e teóricas diversificadas. Passam, como dizem Silva e Milito, pelo “moinho da análise, a destrincharem-se do outro lado do moedor sob a forma de materiais distintos” (p.12). Os episódios narrados funcionam como um espectro através do qual a análise aponta vários caminhos de reflexão. Assim, do relato de um encontro surgem questionamentos sobre as relações pelas quais se funda o cotidiano dos meninos, a ausência de uma atitude política mais humana e justa que os contemple, as condições de vida no meio urbano, a fragilidade das categorias *criança* e *adolescente*, e a própria relação entre pesquisador e pesquisado.

São reflexões lançadas de forma surpreendente e quase ininterrupta, inclusive nas inquietações expressas em rodapé. São considerações sobre a dimensão política do problema, a emergência da compreensão do chão onde meninos e meninas se firmam, que

saltam aos nossos olhos em meios aos fragmentos tomados pelos autores para iniciar suas argumentações. Em uma linguagem romanceada, que pouco - ou quase nada - lembra o formato acadêmico, o livro dá pouco espaço para digressões teóricas profundas. É sobretudo uma etnografia, e sua força justifica-se neste estilo. É através da descrição que se desvelam as questões, ficando para o último capítulo uma instigante discussão com a academia, recortando principalmente a questão da relação entre o pesquisador e o pesquisado.

O livro é fruto de uma pesquisa encomendada por quatro ONG's responsáveis por um importante projeto de atendimento a crianças carentes - o projeto "Se essa rua fosse minha", do qual participam as organizações FASE, IBASE, IDAC e ISER -, que se propuseram a descobrir o personagem que emerge para além do discurso corrente sobre o "menor", homogeneizador, generalizante, que condensa a imagem da criança e do adolescente em "criança abandonada". A universalização desse conceito inviabilizava o conhecimento real de tais meninos, suas variações de comportamento, de localidade, de

relações familiares. Assim, essa etnografia-romance, não se inscrevendo nas discussões de ordem estritamente pragmática e administrativa sobre a questão do menor, torna-se fundamental ao expor um universo que apenas parece ser muito conhecido, mostrando a sua opacidade, parte desconhecida de sua presença em nosso cotidiano.

O livro tem, como assumem os próprios autores, um tom episódico. Tomando os três vértices do triângulo — meninos e meninas, população carioca e educadores de rua — Silva e Milito descrevem suas relações e movimentações, tendo o menino como eixo de referência. Mapeiam, através de suas vivências com as crianças e dos depoimentos dos educadores, os limites e territorialidades traçados pelas primeiras em seu contínuo trânsito pelas ruas da cidade, nas representações feitas a respeito dos personagens com os quais interagem, constituindo fios que traçam um deslocamento contínuo dos meninos da rua para as instituições e destas para a casa de suas famílias.

A busca dos autores parece ser a visibilidade do menino em suas condutas e expressões, sem deixar de perceber que essa se faz igualmente através da interação com outros

personagens que compõem o cotidiano urbano. Estar atento ao menino pressupõe compreender quem está por trás dele, quem o recusa, com quem ele negocia. “Situar o menino, perceber seus limites, seus compromissos, implicava entender sob quais parâmetros de ordem ele transita na rua, parâmetros tecidos pelas relações complexas entre polícia, tráfico, seguranças, prostitutas, cafetões, mendigos, com seus múltiplos interesses a instrumentalizar o menino para seus objetivos específicos” (p.15). Desvela-se então um menino plural, com rosto, com família, munido de estratégias de sobrevivência, testando cotidianamente o limite de sua idade, do diálogo, das representações múltiplas que ele faz de si mesmo ou que fazem dele.

Ao mesmo tempo, os autores vão puxando outros fios, como é o caso de compreender a população carioca, seus temores, os muros invisíveis que se concretizam nas ações violentas e preconceituosas contra os “menores de rua”; o medo instaurado a partir do distanciamento que se faz do menino ou da menina que está “fora do lugar”, que não pertence aos circuitos consagrados à permanência da criança. O menino oscila entre ser considerado uma criança

ou adolescente abandonado e carente, e ser visto como pequeno bandido (já não mais crianças) a assustar a população e justificar seu encarceramento privado. Com medo, divorciando-se da rua, a população carioca retrai-se perante esse personagem, e oculta sua responsabilidade na manutenção do grau de violência e desrespeito a que esses meninos são submetidos. Silva e Milito tecem uma clara paisagem dos sentimentos dessa população, por meio de vários fragmentos de conversas entre educadores, depoimentos de transeuntes, relatos feitos na mídia.

O terceiro vértice desse triângulo, os educadores, são fundamentais na composição da teia. São os articuladores dos fios a formar a trama a partir da qual os autores fazem suas interpretações. Primeiramente são os seus melhores informantes. Desde o início fica claro o quanto o trabalho de pesquisa dependeu dos relatos e comentários dos educadores. Submetidos aos olhares perscrutadores de Silva e Milito, uma significativa parte de seu cotidiano de trabalho está descrito no livro, desde o contato na rua até as reuniões de avaliação de trabalho, que os pesquisadores acompanharam. Fica explícito o grau de envolvimento do

educador com seu trabalho e com os meninos. Responsáveis por criar uma pedagogia eficiente na rua, tais educadores se defrontam dia-a-dia com as complexidades da movimentação urbana, e o trabalho exige uma aplicação que se dobra à contingência. A posição de mediador implica em uma tensão constante, seja para adquirir a confiança dos meninos, seja para enfrentar uma parcela da população que considera inimigo quem se aproxima dos mesmos. Isola-se então o educador em sua posição de mediador, provocando uma densa emocionalidade e um equilíbrio precário, como apontam acuradamente Silva e Milito.

Esses três personagens aparecem no livro entremeados, em constante diálogo. Mesmo quando os autores se detêm mais sobre um ou outro nos diversos capítulos, está-se falando o tempo todo de meninos, da população, dos educadores. É o que constrói a trama e se constitui pela descrição. Torna a linguagem do livro viva, uma rua visualizada, quase palpável. As quebras no ritmo dos depoimentos são a expressão da realidade dos meninos a ser enunciada. "Esse menino que confia a desconfiar raramente expõe situações claras e lineares, seus depoimentos

são fragmentados, desconexos, intermitentes. Uma linguagem a traduzir a própria fragmentação de sua existência na rua ou a indicar o caráter irrevogavelmente lacunar de nosso acesso a ele, a precariedade e intermitência de nossos encontros" (p.73).

Puxando os fios da trama, os autores primeiramente indicam que o menino que temos como imagem não é um menino real, mas um personagem que se fragmenta e se dissolve no meio urbano, como os demais personagens que nele habitam. Em segundo lugar, sendo um ser em socialização, cuja incompletude é sua marca mais forte, está mais aberto ao que os autores chamam de disruptivo, do imprevisto. Na rua, tais características tomam o caráter de ameaça. A criança passa a ser condenada e negada enquanto criança ou adolescente. Ela é apenas um "menor".

Essa é uma etnografia espacializada no Rio de Janeiro. Toma então uma configuração específica, pois descreve relações e experiências particulares dessa metrópole. Nesse sentido, é importante salientar que tal especificidade é fundamental para compreender a teia tecida pelos autores.

No entanto, o livro dá margem para reflexões sobre o tema em um âmbito geral, uma vez que as questões que ele levanta a partir da especificidade do campo projetam-se sobre outros contextos etnográficos, permitindo um reenfoque nos universos diferenciados do “menino de rua”.

As reflexões levantadas pelo livro têm como pano de fundo uma preocupação primeira: buscar o diálogo com os meninos. É sobretudo atentar para o fato de que boa parte da população carioca desistiu desse diálogo, enquanto que educadores procuram insistentemente tê-lo. A ênfase no diálogo não se deu por

acaso; é uma colocação política dos autores junto a sua pesquisa, e que dá ao livro um tom instigante e forte, colocando-se no limite do debate acadêmico, e tornando acessível a linguagem a leigos e especialistas. A força política das argumentações, somadas às descrições enérgicas do mundo dos meninos, faz desse livro um trabalho fundamental para quem deseja adentrar no universo do menino, da rua, pois essa combinação oferece a possibilidade de estarmos atentos ao diálogo, pré-requisito fundamental anterior às e possibilitador das soluções práticas constantemente demandadas.

Simone Miziara Frangella*

* Simone M. Frangella é mestre em Antropologia Urbana pelo IFCH da Unicamp, onde desenvolveu o trabalho: “Capitães do asfalto: a itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas de rua em Campinas”.